

OS USOS COTIDIANOS DO COMPUTADOR: EXEMPLOS ETNOGRÁFICOS

LUCIA MURY SCALCO*

Resumo: Este artigo analisa o resultado de atividades etnográficas que descreveu o esforço de uma típica família gaúcha de classe popular em acessar a informática na vida cotidiana e objetiva trazer uma pequena contribuição para a discussão sobre o tema da inclusão digital, focando-se no processo inicial da compra e uso do computador, bem como a complexa rede de conexões que envolve a apropriação a internet. Discuto a “inclusão digital”, tema que no início do século era uma espécie de “chave” para o desenvolvimento de comunidades de baixo poder aquisitivo. Apostava-se na ideia de que uma ampliação massiva do número de equipamentos e usuários era uma forma de promover também inclusão social. Após uma década, o resultado é que o pouco de desenvolvimento tecnológico que se vê no lugar é fruto de interações que acontecem à margem das ações e políticas governamentais, muitas vezes tensionando as fronteiras entre o legal e ilegal. A utilização desses artefatos se fez através de processos individuais, entre vizinhos articulados em circuitos de trocas, e através de redes que captam doações (equipamentos descartados) e que fomentam o desenvolvimento dessas formas de fazer local. Por outro lado, com a ausência de políticas públicas, apesar dos conhecimentos em tecnologia, a nova geração tem muita dificuldade em conseguir emprego fora da vila, pois, ainda que incluídos digitalmente, permanecem excluídos socialmente.

Palavras-chave: Inclusão digital. Classes populares. Etnografia.

Everyday computer uses: ethnographic examples

Abstract: This article analyzes the result of ethnographic activities describing the efforts of a typical low-income family from Rio Grande do Sul (southern Brazil) to access information technology in everyday life. It aims to make a small contribution to the discussion on the topic of digital inclusion, focusing on the initial process of purchase and use of the computer, as well as the complex network of connections that involves the appropriation of the internet by the family. I discuss the concept of 'digital inclusion', a concept that in the beginning of the century it was considered key to the development of low income communities. It was believed in the idea that a massive increase in the number of ICT equipment and users was a way to also promote social inclusion. After a decade, the result is that the little technological development observed is the result of interactions that take place on the margins of government actions and policies, often straining the boundaries between legal and illegal. The use of these artifacts was done through individual processes, between neighbors articulated in exchange circuits, and through networks that capture donations (discarded ICT equipment) and that encourages the

* Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Presidente da ONG Coletivo Autônomo Morro da Cruz. E-mail: luciascalco@hotmail.com

development of local practices. On the other hand, despite having more technological knowledge, the lack of public policies makes it difficult for the new generation of residents to find a job outside of the community, as being 'digitally included' did not make them less socially excluded.

Keywords: Digital inclusion. Low income community. Ethnography.

INTRODUÇÃO: COMPUTADORES, PRÁTICAS E SABERES

Computadores já foram sofisticadas e dispendiosas máquinas, com uso previsto para complexas tarefas. Hoje o computador não somente faz parte da vida de grande parte da população como tem se inserido no cotidiano de parte da população que é, muitas vezes, vista como desfavorecida. O artigo objetiva problematizar como esses usuários operam e interpretam os *novos saberes* associados ao computador em suas práticas cotidianas. A partir do estudo etnográfico em diferentes áreas periféricas da cidade de Porto Alegre/ RS, em especial no Morro da Cruz, procurei acessar a lógica desses sujeitos em suas escolhas, motivações, incentivos e sacrifícios para adquirirem e manterem esse novo bem de consumo.

A introdução de um computador *em casa* é um processo que não se esgota no ato da sua compra. Muitos são os desafios que surgem a partir da aquisição deste equipamento, principalmente para os adultos que não cresceram familiarizados com as chamadas TIC's (Tecnologias Informacionais Comunicacionais)¹. É preciso – além de aprender a *mexer* no computador – ligar-se a uma rede de instituições, bens e redes sociais, que oferecem não apenas serviços, mas sociabilidades.

Apesar de os dados estatísticos brasileiros² reforçarem a ideia do lugar subalterno que esta população ocupa na hierarquia social referente à “inclusão digital”, nosso estudo etnográfico aponta diversos usos e soluções inventivas às quais os sujeitos recorrem para introduzir novas tecnologias em suas práticas cotidianas.

Há um importante *corpus* de trabalhos teóricos desenvolvidos sobre esse tema. Destaco a contribuição de Michel de Certeau (2008), que se baseia na “ciência prática do singular”, pois foca-se e dá luz às astúcias sutis, táticas e resistências existentes na sociedade de consumo, ajudando a situar essas novas soluções e saberes que nossos informantes desenvolvem criativamente para acessarem o mundo digital, abrindo com isso “um espaço próprio numa ordem imposta” (...). Para o autor:

Apropriar-se das informações, colocá-las em série, montá-las de acordo com o gosto de cada um é apoderar-se de um saber e com isso mudar de direção a força de imposição do totalmente organizado. (CERTEAU, 2008, p. 341)

Essas práticas também podem ser lidas a partir do aporte da teoria da prática, desenvolvido especialmente por Bourdieu (2005) e Sherry Ortner (2006), que tomam como ponto de partida a relação entre estrutura e agência, a primeira servindo como uma espécie de condicionamento para explicar as ações dos sujeitos (mas sem determiná-la) e a segunda trazendo a capacidade de transformar as condições estruturais dadas (ORTNER, 2006). Essa capacidade de transformação nos interessa particularmente e, desse modo, vamos explorar o entendimento de *agency* de Ortner, que se situa na questão do poder, da dominação e da resistência.

Para a autora, o uso mais comum do termo *agency* é o que remete às formas de poder que todos nós possuímos e à capacidade de agir e de influenciar pessoas e acontecimentos. Um detalhe importante é que *agency* existe tanto nas ações de dominação quanto nas de resistência. Indo mais a fundo, o termo engloba dois significados: o primeiro tem a ver com o conceito de intencionalidade, definido como “todas as maneiras como a ação aponta, cognitiva e emocionalmente, para algum propósito”; já o segundo tem a ver com o conceito de poder, com o fato de os sujeitos agirem “no contexto de relações de desigualdade, de assimetria e de forças sociais. (...) Mas, na realidade *agency* nunca é meramente um ou outro.” (ORTNER, 2006, p. 58). Como lembra a autora, os “indivíduos/pessoas/sujeitos sempre estão

inseridos em teias de relações, de afeto ou de solidariedade, de poder ou de rivalidade, (...) e só podem atuar dentro de muitas teias de relações que compõem seus mundos sociais” (ORTNER, 2006, p. 74).

A etnografia realizada problematiza as questões apresentadas (resistência e *agency*) e mostra como a chamada “inclusão digital” é regulamentada também por leis nacionais e internacionais que interagem na esfera local e nas chamadas “teias de relações” desses sujeitos. Arguimos aqui que, para compreendermos a perspectiva singular da inclusão digital a partir da etnografia em grupos populares, é preciso tomar as experiências dos sujeitos aqui representados da mesma forma como Ortner aborda o conceito de *agency*. Dito de outro modo, a inclusão digital de grupos populares retrata ao mesmo tempo práticas de resistência e dominação – é em si mesma inclusão e exclusão.

O presente artigo, ancorado na teoria antropológica, objetiva simultaneamente contribuir com dados etnográficos para a discussão sobre a chamada cibercultura³ e dialogar com a grande produção acadêmica sobre o tema (Internet e todo o imaginário que a circunda, modernidade, globalização, sociabilidade, virtualidade, etc.), nas mais diferentes disciplinas, como Economia, Comunicação, Informática, etc., mas principalmente com a produção nas ciências sociais. Já em 1998, Octávio Ianni apontava que são incontáveis os estudos sobre o tema, e que há uma verdadeira “biblioteca de Babel”, tentando “entender o presente, repensar o passado e imaginar o futuro” (IANNI, 1998, s/p).

Como são nebulosas as fronteiras (se é que elas existem), entre os diferentes *saberes* que tentam dar conta desse fenômeno, há uma grande *comunicação, trânsito e apropriações teóricas* entre essas diversas disciplinas, destacando-se a Sociologia, a Filosofia, a Política, a Economia e a Comunicação.

CONSTRUÇÃO DOS CAMPOS TEÓRICOS: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

A seguir apresento os principais estudos que auxiliaram na construção do campo teórico em que o artigo se insere. Esta primeira seção de revisão bibliográfica combinará uma exposição sobre agência e tecnologia da informação com os estudos sobre consumo e camadas populares.

Ponho em relevo aqui a contribuição teórica do pesquisador francês Dominique Wolton, especialista em comunicação, pois esse autor – que há mais de 30 anos estuda o estatuto da comunicação nas sociedades ocidentais – prioriza o valor social das novas tecnologias da comunicação, tornando-se uma voz dissonante no discurso já referido das grandes transformações advindas da técnica. O autor procura explicar que o essencial em um sistema de comunicação não é a tecnologia, e sim as características culturais e sociais da comunicação. Nas suas palavras:

Atualmente, um número surpreendente de autores considera, por exemplo, a Internet uma verdadeira revolução que fará surgir uma “nova sociedade”, simplesmente porque supõe que a tecnologia vai *mudar diretamente* a sociedade e os indivíduos. Eles estão alinhados, na realidade, com a tese do determinismo tecnológico segundo a qual uma revolução nas técnicas provocaria uma revolução na estrutura global das sociedades. Passa-se assim de uma concepção materialista da comunicação a uma verdadeira ideologia – a ideologia tecnológica – da comunicação (WOLTON, 2007, p. 15).

Outro ponto de intersecção entre a presente etnografia com a teoria da comunicação são os estudos que dão voz ao chamado “receptor”, que priorizam a apropriação que os sujeitos fazem com a informação e as suas ressignificações, a partir da realidade cotidiana desses espectadores.

Nesse sentido, uma fonte particularmente inspiradora é a pesquisa de Abu-Lughod (2006), que abordou etnograficamente o impacto da televisão e os seus efeitos nas práticas culturais e sociais de um pequeno vilarejo no Egito. No seu artigo, a autora demonstrou como as mensagens veiculadas pela televisão são transformadas pelo modo como as pessoas

vivenciam as suas experiências televisivas e pela realidade cotidiana. Ainda, examina as reações dos espectadores ante a televisão e rejeita a premissa da linearidade na recepção dos conteúdos, identificando variações na chamada recepção. Ou seja, os públicos interpretam o conteúdo da televisão de uma maneira distinta dos objetivos dos criadores dos programas. E o caminho, para acessar essas lógicas distintas, é a etnografia.

Ao longo desse artigo, tensionaremos e questionaremos essas “transformações jamais imaginadas pelos cidadãos comuns” (DORNELLES, 2008, p. 11) e iremos nos aproximar de uma antropologia que prioriza a necessidade de uma abordagem contextualizada para o estudo das interações virtuais, que só adquirem significado se analisadas no seu próprio registro. Desse modo, vale o alerta de Rifiotis (2010) para não concebermos o ciberespaço como um “‘mundo paralelo’, permeado por realizações ‘não reais’, mas como mais uma dimensão das práticas e experiências cotidianas que compõem a cena social contemporânea” (RIFIOTIS, 2010, s/p). Esse autor faz parte de um grupo de pesquisa denominado “GrupCiber”, que centra suas pesquisas em torno da abordagem etnográfica. Essas pesquisas dialogam com os discursos e práticas sociais do ciberespaço e suas novas formas de sociabilidade e interações, colocando em primeiro plano a dimensão vivencial das experiências sociais analisadas. Esses estudos têm contribuído para a consolidação de um campo para o estudo e a compreensão da produtividade social *no* e *do* ciberespaço (RIFIOTIS, 2010, s/p).

Nessa perspectiva, realço ainda a importante contribuição da abordagem teórico-metodológica do antropólogo Daniel Miller, que juntamente com Don Slater (2005), realizou uma etnografia na República de Trinidad e Tobago sobre as relações vividas em diferentes cibercafês. Os autores questionaram a distinção – comum em pesquisas sobre internet – entre o real e o virtual, argumentando que existe uma integração complexa entre o *on* e *offline*, criando diferentes laços e tipos de pertencimentos dependendo do contexto. E isso significa que devemos estudar a apropriação social que a tecnologia produz localmente, percebendo as diferentes formas culturais possíveis de serem desenvolvidas a partir dessa apropriação tecnológica.

Já outros especialistas apontam para a tendência de a internet transformar-se em um novo serviço essencial; o antropólogo Hermano Vianna (2007) compara a Internet com a caneta Bic (no sentido de ser uma ferramenta básica para se fazer qualquer coisa), enquanto Barbosa (2005) argumenta que a internet fará parte da vida das pessoas e logo passará a ser tratada como “qualquer facilidade do lar, como o gás de cozinha, a água das torneiras ou a energia elétrica” (BARBOSA, 2005, p. 25).

O consumo é outra temática central no entendimento dos grupos populares brasileiros, visto que se trata de uma ação que possibilita compreender a forma como os indivíduos se constroem na sociedade local e global. Essa centralidade do ato de consumir se encontra também, obviamente, junto aos grupos populares. O tema ganhou grande visibilidade social e pode ser considerado um verdadeiro fenômeno nacional. Para as classes populares, o direito a ter acesso a bens como educação, saúde e habitação confunde-se semanticamente com o consumo (compra de uma mercadoria). Portanto no país:

há uma tendência de a população valorizar os bens disponíveis e desejar ter acesso a eles. Se nesses países a cidadania é sempre problemática, consumir é visto como uma forma de pertencer e de ser. Consumo, logo existo (OLIVEN, 2006, p. 8).

E esse consumo popular está ocorrendo, em grande parte, por meio da criação de produtos e serviços financeiros dirigidos especificamente para esse segmento social (contas bancárias, cartões de crédito populares, crédito consignado, linhas de crédito e de renda vinculadas a programas sociais, microcrédito para o financiamento de atividades de geração de renda, etc.). O trabalho de Pinheiro Machado (2009) é também relevante para se pesquisar a produção, circulação e consumo de *hardwares* e de diferentes tipos de *softwares*, abordando questões como a economia informal e as oscilações existentes entre os *status* de legalidade/ilegalidade, formalidade/informalidade, presentes em várias esferas da sociedade brasileira e constitutivos, como iremos ver, do mundo da informática.

Por fim, há ainda trabalhos antropológicos e de outras áreas disciplinares que estudam a chamada “inclusão digital” entre os membros das classes populares em diferentes centros públicos como *lan houses*, cibercafés, telecentros, ONG’s, escolas, etc. (SORJ 2005; GUEDES, 2005; BARROS, 2008; RIFIOTIS, 2008; PEREIRA, 2007; DORNELLES, 2008; SILVEIRA, 2001; POCHMANN, 2004).

As dinâmicas sociais que se estabelecem nesses lugares públicos distinguem-se, porém, da nossa pesquisa, que teve como foco as casas dos sujeitos, proporcionando um contato e uma interação bem distinta de quando o usuário está acessando um computador que não é o seu.

Uma jovem informante contou que apenas realmente aprendeu a mexer no computador quando ganhou o seu equipamento e que pôde, portanto, *fuçar*. Essa maneira simples de definir esse tipo de aprendizado – que passa longe da visão convencional do ensino – se refere a uma informática apreendida na experiência cotidiana, nas diferentes tentativas e erros. E toda essa intimidade com a tecnologia só é possível porque se tem em casa o equipamento para *fuçar*⁴.

Existem poucos estudos sobre a maneira como as famílias interagem dentro das suas casas. É difícil penetrar na intimidade ou absorver a atmosfera e a linguagem não verbalizada, tão singular, existente em cada família. Lembro aqui as muitas questões éticas envolvidas quando se pesquisam os usos e as práticas relacionadas ao computador. É preciso, por exemplo, ir até a casa das pessoas, muitas vezes entrar nos seus quartos, sentar com os usuários, vê-los operar os equipamentos, olhar os *sites* visitados, os *chats* ou *blogs* de discussão, as redes sociais a que pertencem, saber como se comunicam com os amigos. Enfim, ouvi-los relatar as suas alegrias e conquistas, bem como suas privações, problemas e as soluções encontradas para acessar o computador.

E todos esses dados servem para que e para quem? Toda essa descrição minuciosa – levantada a partir do método etnográfico – precisa ser enquadrada em análises teóricas que não se baseiem somente em questões econômicas, para não apresentarmos os dados sob uma perspectiva reducionista que só venha reforçar os preconceitos em relação às classes populares.

Dito de outro modo, ao relatar como ocorre o acesso à internet pelas famílias de classe popular (os contextos, as inúmeras dificuldades materiais vividas, bem como o descaso do poder público em relação aos problemas existentes na infraestrutura informacional dessas comunidades), temos um duplo desafio: por um lado, não é nosso objetivo reforçar estereótipos do senso comum, que apenas concebem os membros das classes populares sob a ótica da falta, da carência, vítimas da miséria e sujeitos passivos, desprovidos de *agency*. Por outro lado, ao descrever as muitas soluções criativas que esses sujeitos conseguem desenvolver cotidianamente, corre-se o risco de personalizar o processo de “inclusão digital” e assim reforçar análises superficiais que admitem que a questão informacional reduz-se a uma questão de esforço e inteligência desses sujeitos. Esse pensamento pode ser ilustrado através do ditado popular: “quem quer consegue!”, o qual minimiza as barreiras existentes. Portanto, o desafio está em esboçar um modelo analítico para combater as perspectivas reducionistas em relação às famílias de classe popular, que muitas vezes são vistas como desprovidas de cultura e como se tivessem apenas estratégias de sobrevivência.

Não se trata aqui de inventariar todas as formas de “inclusão digital” existentes, ou de esgotar os usos possíveis do computador por pessoas vivendo em bairros periféricos, mas sim de compreender como alguns sujeitos moradores destes bairros experienciam o computador. Nosso estudo aponta não para um modelo fechado e único de apropriação, mas, ao contrário, para uma variedade de usos e sentidos, pois esse novo bem de consumo tem o seu significado construído no fluxo da vida e na rede particular de afetividade em que circula.

O COMPUTADOR NOS TERRITÓRIOS DE CONVIVÊNCIA

Ao contrário do apontado em muitos estudos, como, por exemplo, a pesquisa de Dornelles (2008) sobre a virtualidade e suas revolucionárias práticas de socialização (com alcance mundial) e capacidade de realização de interações entre “diferentes segmentos sociais (...) e diferentes referenciais simbólicos” (DORNELLES, 2008, p. 169), verifiquei na minha pesquisa que as redes de sociabilidade “virtuais” no Morro da Cruz operam empiricamente

por dinâmicas de sociabilidade no bairro, com uma lógica muito mais local do que aquela exposta nesses estudos⁵. Ou seja, junto do discurso existente sobre espaço democrático e revolucionário de interação, de congraçamento, existe a apropriação local bem prática, tanto lúdica quanto utilitária. Assim, neste artigo, tento desvendar melhor os territórios desse “local” (GEERTZ, 1997). Ao abordar elementos dessa vida – vizinhança, organização doméstica, trabalho –, procuro entender melhor onde e como o computador (e o mundo informatizado) adquire usos e significados coerentes com determinada maneira de viver a vida.

De certo modo, estou testando a hipótese sugerida por Castells (2005) de que a internet não é algo que mude comportamentos. Ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que já são. Nas palavras do autor:

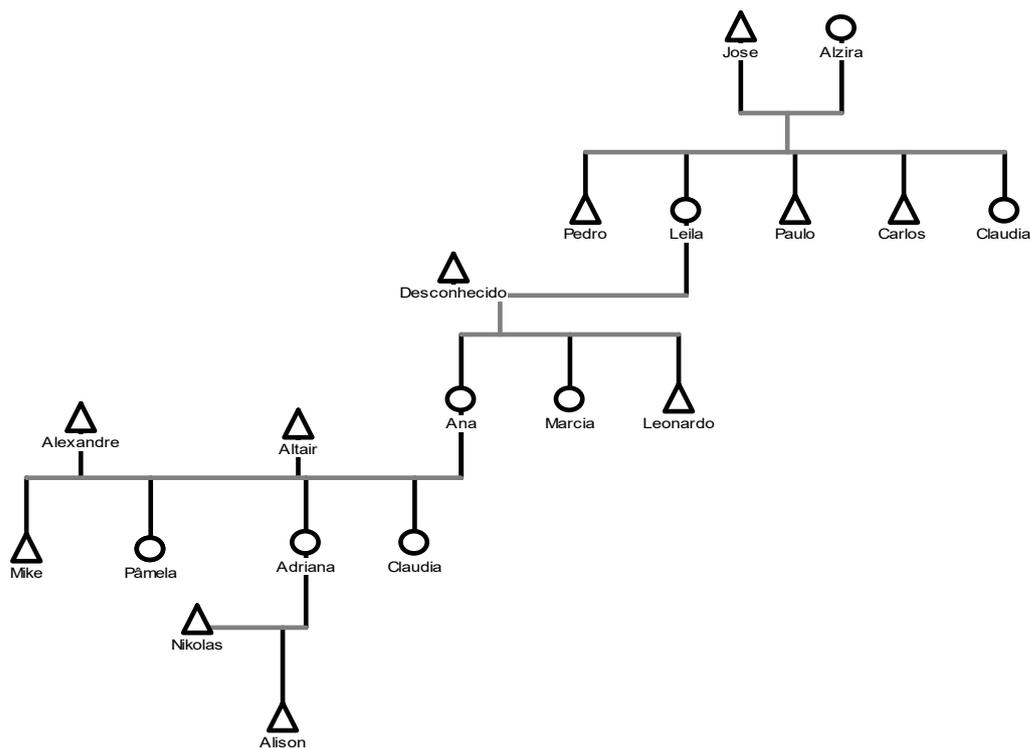
Vale dizer que aquilo que as pessoas faziam, elas continuam fazendo com a Internet: para quem as coisas andavam bem, ficaram ainda melhores e para quem elas iam mal, continuam igualmente ruins. Quem tinha amigos, também os tem na Internet e quem os não tinha, tampouco os tem na Internet. (...) Isso não significa que a Internet não muda os comportamentos, mas os comportamentos que mudam a Internet (CASTELLS, 2005, p. 273).

Para discutir a “localidade” da internet e os comportamentos “como são”, nesta seção concentro-me na descrição de uma família extensa que inclui avó, mãe e filha (adultas) com seus respectivos filhos e parceiros, colocando em evidência o território de convivência – bairro, família, pátio e trabalho. Minha preocupação é evitar os ardis desse tipo de trabalho em que o pesquisador enfoca só o computador, *pressupondo* que é um elemento importante e transformador na vida das pessoas. Veremos, por exemplo, como na compra de um computador para uso doméstico, há famílias em que esse item é simplesmente deixado de lado, julgado como não prioritário na lista de necessidades domésticas. No entanto, ao olhar como certos usos da internet entram nos espaços dinâmicos da vida do bairro, encontraremos outras famílias que parecem incorporar o computador doméstico como elemento importante da sua rotina.

OS TERRITÓRIOS DA CONVIVÊNCIA

O primeiro exemplo etnográfico que apresento tem início com Adriana, 20 anos de idade, casada e mãe de Alison, 3 anos de idade. Ela é irmã de Cláudia, ex-aluna do curso de informática do Murialdo, com quem me relaciono desde 2007, quando acompanhava as aulas desta instituição. Cláudia era uma menina muito tímida, que não tinha interesse em informática. Certo dia confessou-me que só comparecia na instituição por causa da boa quadra de futebol existente. O futebol era sua grande paixão e em geral ela só tinha acesso ao que denominou de *campinho* – espaço em uma rua perto da sua casa, em que os meninos se reuniam para jogar, improvisando as goleiras com um par de chinelos ou pedras. Ela jogava descalça, brincando, com outro tipo de regras, e o curso representava uma oportunidade para ela por fim mostrar o seu talento para o esporte em quadras *de verdade*. E foi o que aconteceu: Cláudia destacou-se, conseguiu uma oportunidade para entrar em uma escola de futebol, começou a participar de campeonatos de futebol feminino e sempre me convidava para ver seus jogos. Portanto, já conhecia superficialmente a sua família, da qual anexo uma pequena genealogia abaixo, composta pela mãe Ana, 36 anos de idade, e quatro filhos. Todos eles, assim como eu, compareciam nas tardes de domingo nos mais diversos campeonatos para ver a Adriana jogar. Foi em uma dessas ocasiões que soube que a Cláudia, irmã mais velha da Adriana, havia ganhado de seu marido um computador usado de presente pelo *dia das mães*. Na hora me interessei, expliquei que eu pesquisava “inclusão digital” e perguntei se poderia ir à sua casa conversar sobre o computador, o que foi aceito sem problemas.

Figura 1 – Árvore genealógica da família da Andréa



Fonte: Elaboração própria a partir de informações da família

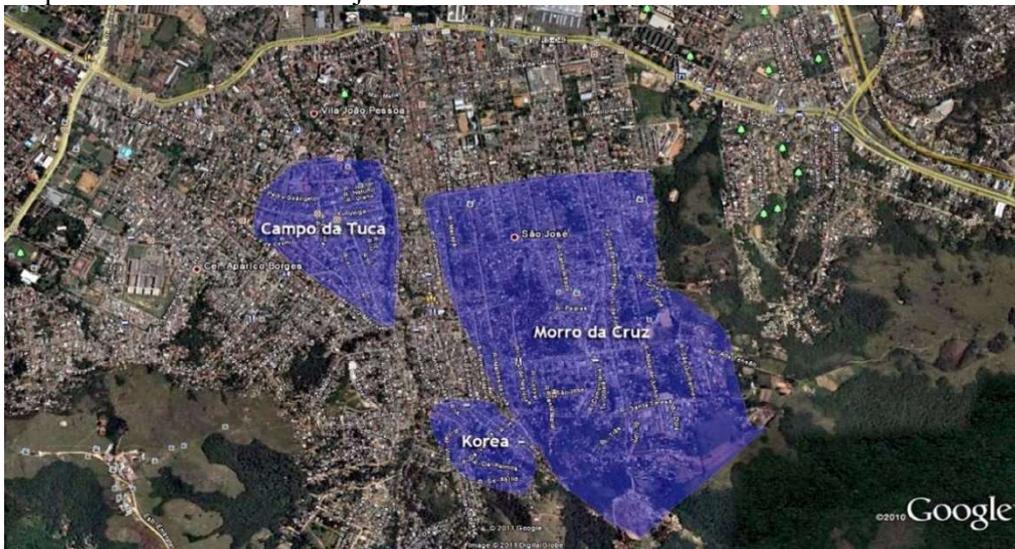
Legenda: Δ = masculino \circ = feminino

Liguei para marcar o encontro e fui convidada para almoçar no domingo seguinte. A Adriana – assim como a maioria dos jovens que conheci –, ao ser questionada sobre o local da sua residência, autodefine-se como moradora do Morro da Cruz. Porém, o Morro expandiu-se muito e, conforme o Mapa 1⁶, muitas são as áreas existentes dentro do chamado Morro da Cruz, que engloba diferentes bairros, vilas e regiões, como Campo da Tuca, Vila São José e Vila Korea.

ENTRANDO NO MORRO

Cláudia havia me convidado para almoçar na sua casa, que fica localizada na Vila Korea. Fiz pesquisa no Google e não encontrei nenhuma referência do local, então pedi ajuda a Adriana e combinamos que ela me encontraria às 11 horas no campo de futebol que já conheço, e dali ela me guiaria.

Mapa 1 – Morro da Cruz e adjacências



Fonte: Google Maps. Mapa gerado por alunos do curso de informática do Instituto Murialdo.

A Korea é conhecida por muitos dos próprios moradores como “lugar da chinelada”⁷ e do tráfico de drogas. Nos estádios de futebol, o termo (coreia) é usado para designar o local mais popular do estádio, onde os torcedores ficam em pé, bem próximo ao campo, e que tem os preços mais baixos. Reproduzo a grafia com K por ser assim que vi pichado em alguns lugares.

Com novas roupagens é possível identificar no Morro da Cruz os conceitos clássicos de Elias & Scotson (2000), uma vez que os seus moradores se distinguem a partir do local de suas residências, sendo isso definidor de questões como autoimagem e autoestima. A territorialidade é, portanto, um dos componentes do processo de estigmatização existente no local, pois há uma grande distinção entre os de “cima” e os de “baixo”, o que produz sentimentos de “superioridade aos de baixo” e “inferioridade aos de cima”. Isso porque o topo é teoricamente ocupado por residências mais simples, e por ser um local de difícil acesso físico, com frequência é estigmatizado e marcado simbolicamente como *local de pobre*, conforme ilustra o diálogo que registrei no meu antigo diário de campo, entre dois alunos do Murialdo. Desabafa Jefferson, 16 anos de idade, morador da Vila Korea: “o meu, a minha casa é melhor que a tua. Tem até dois pisos. Tu sabe disso. E mesmo assim tu tá me chamando de chinelo?!”. Isso foi prontamente respondido por outro amigo, Fininho, 17 anos: “Azar o teu... Quem mandou morar lá? Nunca vai ser igual a morar aqui embaixo!”. Ou seja, para a compreensão desse fenômeno, é preciso entender como os autores conceituam o poder, não como algo estático e dado, mas sim como algo que se constrói nas relações cotidianas das suas ações, sejam elas no campo político, econômico, religioso, etc. Assim, o poder não se resume ao que ocorre a nível econômico, social, mas inclui também relações existentes entre indivíduos de uma mesma família, entre membros de bairros vizinhos, etc.

Cheguei de carro, e Cláudia ia me orientando; logo o asfalto acabou, e as ruas foram ficando cada vez mais estreitas. “Vira aqui, sobe ali”. De repente, uma lombada tão íngreme que é preciso subi-la na primeira marcha. A rua era muito estreita, com despenhadeiro nos dois lados, o que dificultava as manobras de volta. Realmente é um local que pode ser classificado como de difícil acesso. Subimos até onde foi possível. Cláudia mandou-me estacionar o carro bem na frente de um portão de ferro de uma casa.

Não é permitido, é garagem – respondi.
Não, é a entrada da casa. É diferente, eles não têm carro, né?
Como tu sabes...? – perguntei,
Ela, rindo, completou:
Aqui a gente sabe de tudo.

O resto do caminho subimos a pé. Naquela tarde havia muitas famílias, vizinhos, conversando, tomando chimarrão, trajando as camisas dos seus times; cadeiras na rua ou nos pátios; crianças correndo; muitas mulheres lavando e pendurando roupa para aproveitar o tempo firme daquele dia. Fiquei pensando que aquela cena lembrava muito as cidades do interior, onde todos se conhecem, se cumprimentam.

A CASA, O PÁTIO⁸

Fomos direto para a casa de Adriana. Ela recebeu-nos na sala da sua casa de três peças (sala/cozinha, quarto e banheiro). Na sala, tem uma TV de 29 polegadas, um sofá e uma mesa pequena. O computador fica no quarto, junto com a cama de casal e o berço do filho. A casa foi comprada recentemente por ficar no mesmo pátio da casa da mãe. O Nikolas (marido de Adriana, 21 anos, trabalha na PUC como pedreiro) a está reformando aos poucos, mas Adriana acha que ainda faltam muitos reparos a serem feitos. “Não repara, tá?” Adriana contou que quando ficou grávida e se casou, primeiro tentou ir morar com a família do marido, em Viamão, mas não deu certo e então decidiu voltar. Porém tinham um problema: agora com a família aumentada, não havia espaço para eles na casa da mãe. No meio desse impasse, surgiu a possibilidade da compra da casa do vizinho, que fica no mesmo pátio⁹, e que apesar de *judiada*, valia a pena pelo preço e pela localização.

Fui informada de que não iríamos almoçar lá, e sim na casa de sua mãe, Ana, que naquele momento estava dando banho no neto na outra peça. Enquanto esperávamos, Adriana e eu conversamos sobre o seu computador:

O computador é usado, mas bem novinho. Minha amiga estava apertada, com muitas contas atrasadas e resolveu vender, daí aproveitei e pedi pro Nikolas. Foi em muuuuittas vezes, claro que não paguei à vista, ainda falta. Não tem internet, custa muito caro, mas pelo menos eu já tenho o computador. Eu vejo fotos, filmes, e o Nikolas joga joguinho de carro, de futebol... Mas sabe, tô até com vergonha de ti, veio até aqui em casa falar sobre computador, mas na real tô pensando em vender, quero comprar uma cama pro Alison, que está crescendo e dorme ainda no berço. Paguei 400 reais, tu não quer comprar?

Entramos no quarto para ela me mostrar o equipamento, o qual fica ao lado da cama de casal e do berço do filho. O computador é da fábrica Positivo¹⁰. Pergunto sobre os documentos, licenças e Adriana disse que não tinha nada. Possui caixas de som e é usado, conforme o seu relato, mais para ver filmes. Aproveito para perguntar qual tipo de filme, e Adriana responde que compra *tudo pirata, bem baratinho, 3 por 10*. Quanto à questão do acesso à internet, Adriana me explicou que usa no trabalho. Ela é estagiária/recepcionista na Companhia Estadual de Energia Elétrica. Pergunto se há restrições de uso do computador no local de trabalho, e ela, na sua fala, explicita toda a ambiguidade existente atualmente no mundo do trabalho, onde são inúmeras as polêmicas e as dúvidas sobre o uso pessoal do *e-mail*, acesso a redes sociais, etc.

É assim; oficialmente não pode entrar no Orkut, MSN, mas na real todo mundo entra. Uma época até proibiram, teve reunião com a chefia explicando, mas foi ridículo, porque todo mundo sabe entrar por um outro site. É só entrar no *ebuddy* e de lá acessar qualquer *site*, até pornografia. Não tem como descobrir, não tem como controlar, só se ficar alguém cuidando o pessoal o tempo todo. O que eles fazem é dar incerta, para ver o que está na tela. Mas eu não ligo muito internet, nem faço questão de ter em casa. É muito caro. O Nikolas não gosta, não faz questão também e, além do mais, agora eu sou casada, fica chato ter Orkut. Isso serve mais pra quem quer arrumar namorado ...

Perguntei se outras pessoas da família usavam, e ela disse um sonoro “não”. As crianças – no caso, seus irmãos menores – “não cuidam de nada e iam acabar estragando. Só quando eu tô junto, vendo filme, daí claro, eles assistem junto. Ou quando o Nikolas está jogando, mas sozinhos nunca”. Porém, com humor, contou que recentemente precisou ensinar um pouco à mãe. Fiquei bem curiosa e a Adriana chamou Ana para participar da conversa e contar pessoalmente as suas primeiras experiências com o computador. Ela estava há apenas cinco dias em um novo emprego, mas já tinha muitas histórias engraçadas para relatar.

O MUNDO DO TRABALHO

MATANDO UM LEÃO POR DIA PARA MELHORAR DE VIDA

Ana me convidou para ir a sua casa, pois estava preparando o almoço. Saímos juntas da casa de Adriana e, com apenas alguns passos, entramos na sua casa, que era bem mais simples (de madeira) e menor do que a casa da filha. Possui três peças também, mas com outra disposição espacial: uma pequena cozinha separada do quarto/sala onde fica a televisão, um beliche e um traliche. No fundo, fica o banheiro. Enquanto cozinhava, tomamos chimarrão e conversamos. Decididamente, Ana revelou-se uma ótima informante, uma personagem bem dramática e engraçada. Fui a campo com o objetivo de conversar com a filha e acabei aprofundando a conversa com a mãe.

Ana é negra, 36 anos de idade, estatura mediana e está sempre rindo, o que realça a sua beleza. Diferentemente do padrão estético que a sociedade atual nos impõe – corpos magros e retilíneos¹¹ –, ela parece estar satisfeita com o seu corpo e com as medidas avantajadas que possui para os padrões de beleza atuais¹². “Me considero bonita, homem gosta de mulher com carne, com conteúdo. Magra é nas novelas, só pra ver”! Decididamente a simpatia parece ser a sua marca registrada, pois, com seu sorriso, termina encantando a todos pelo seu jeito de ser: bem disposto e bem-humorado. Ana, ao longo da nossa convivência, revelou-se uma mulher que sabe viver os seus múltiplos papéis: mãe, filha, avó, esposa, cidadã, trabalhadora, vizinha e amiga.

Deixei a conversa fluir e, aos poucos, ela mesma iniciou uma pequena narrativa, com os principais pontos da sua trajetória. Revelou que o seu maior orgulho são seus filhos, que literalmente “mata um leão por dia pra poder comer, pagar as contas e vestir os filhos”. Contou que, por duas vezes, abandonou os maridos, por ver que não tinha futuro o relacionamento. Na primeira vez, voltou pra casa da mãe com as duas filhas pequenas e só conseguiu trabalho em empresas terceirizadas de faxina, que pagam “só o salário mínimo e olhe lá”. Sentiu na pele a falta do estudo, e resolveu voltar a estudar à noite para terminar o segundo grau. Uma professora na escola informou-lhe que um hospital público oferecia cursos profissionalizantes de nutrição e que o processo de seleção acontecia por sorteio. Por incríveis oito anos, conforme seu relato, tentou em vão conseguir uma vaga para o curso de nutrição: “*Virou uma cisma, não desisti. Ia lá, me inscrevia e não conseguia. No outro ano, eu voltava... e assim foi, até que deu.* (Nesse intervalo, teve outro relacionamento e mais dois filhos). Durante dois anos, trabalhou de dia e estudou à noite. *Ralava...* Relembrando a dura rotina de acordar às 6 horas da manhã e só voltar para casa perto da meia-noite, tudo para *conseguir melhorar de vida.* Mostrou-me com orgulho a carteira de técnica de nutrição. Fez muitas amizades no curso, em especial com uma professora que a indicou para o novo emprego. A empresa em que Ana está trabalhando – uma pequena fábrica de congelados que mantém também um restaurante que serve almoço em um bairro nobre – possui cerca de 20 funcionários (entre a cozinha, o administrativo e o departamento de entregas) e está informatizando toda a sua produção, implantando um sistema para otimizar e melhor gerenciar a produção, seguindo uma tendência atual de quase todas as pequenas empresas¹³.

O almoço que Ana serviu-me estava farto e muito saboroso: guisado, abobrinha, arroz e feijão e salada (alface e tomate). “Adoro cozinhar, todos gostam da minha comidinha...” E revelou que depois que iniciou os estudos aprendeu o valor nutritivo de uma comida caseira. “Se esse povo soubesse o valor de uma banana... Mas não, só querem saber de salgadinho, de Xis. Os meus já sabem. Se querem continuar comendo porcarias, vão ter que comer na rua”.

APRENDENDO A SENHA DO MUNDO INFORMATIZADO

Ana contou que, depois de muita procura, encontrou uma vaga para cozinheira profissional, mas para seu espanto, o emprego exigia que a pessoa possuísse “familiaridade” com computadores. Conforme seu relato, “*tive que dar uma de esperta e mentir um pouquinho...*”

Quando me perguntaram se sabia mexer com computador, não me mixei e respondi que sim, que sabia o básico e que inclusive a minha filha tinha computador em casa... Bah, que chique isso, né! Bom, na verdade eu não sabia nada. Nunca tive oportunidade. Vim correndo tentar aprender, porque não queria fazer feio. O mais difícil é aquele troço que não me lembro o nome (Adriana interferiu rindo, dizendo que a mãe estava se referindo ao mouse). Já vi que não é tão difícil. O bicho corre (referindo-se à seta do mouse) e a gente vai devagarzinho levando pra onde se quer na tela. Não pode se apavorar. O computador da firma é um pouco diferente. A sorte é que a mulher, minha nova chefe é legal e tá me ajudando. Eu toda hora a chamo assim: Márcia, o

computador quer falar contigo. (*risos...*) não digo que sou eu, claro, ponho a culpa no computador que fica louco toda a hora.

Especificamente sobre as suas novas funções, relatou toda a dificuldade em relação à escolha e memorização da senha. Esta se deu após muitas tentativas frustradas. Todos os dias, ao chegar no trabalho, a primeira coisa que Ana precisava fazer era *logar-se*. Vale a pena detalhar todo o processo e a maneira criativa que Ana usou para solucionar seu problema.

No primeiro dia, quando estavam me explicando como tudo funcionava, criei uma senha de números... Coloquei o número da casa que moro, com o número da casa da mãe, bah, inventei uma misturada e depois, quem disse que no outro dia eu me lembrava?

Rindo, contou que ficou nervosa, achando que iriam descobrir tudo (ou seja, o seu despreparo em relação ao computador) e que seria demitida, mas não foi o que aconteceu. A sua chefe a chamou para refazer a tal senha. Porém, como já existia o seu nome no sistema, tiveram que criar um outro *login* que a identificasse no computador. Então, agora ela tinha dois nomes na lista de funcionários, pois a chefe não tinha autorização para apagar nenhum nome no sistema. Agora o que estava valendo era Ana S. Repetiu-se então todo o procedimento de escolha de senha, e a chefe sugeriu que escrevesse a tal senha em um papel, caso esquecesse. Nos outros dois dias funcionou, mas depois ela infelizmente esqueceu o papel em casa.

No ônibus, já estava nervosa, eu até sabia mais ou menos os raios dos números, mas fiquei com medo de errar e não deu outra, sei lá o que fiz, entrei com o meu nome antigo, e de repente travou tudo. De novo não consegui. Eu fiquei me sentindo menos, todo mundo tinha uma senha, e eu sempre atrapalhada, esquecendo a minha.

Como o sistema ficou bloqueado, chamaram o filho da dona, que é o responsável pela informática da empresa. De novo ela relata o seu constrangimento e pavor, mas disse que o tal rapaz explicou que a senha correspondia a uma assinatura, atesta a identidade do usuário, algo bem pessoal, que precisa ser fácil e difícil ao mesmo tempo e o mais importante – que ninguém havia lhe explicado antes – não precisava ser números, poderia usar letras, poderia ser um nome. Ana concluiu: “Tive uma ótima ideia. Eu sei que a senha é secreta, mas pra ti eu conto... ALISON, nome do meu netinho, não dá pra esquecer, né? Resolvi meu problema!” Nesse sentido, ao contrário do discurso sobre os benefícios que a tecnologia proporciona, esta não é acessível do mesmo modo para todos. Ela produz desigualdade e sentimentos muito fortes a respeito do lugar que ocupamos no mundo. No caso citado, não se trata apenas do medo de ser demitida, mas da vergonha, do sentimento de inferioridade, da exposição frente aos colegas. E a estratégia adotada para ultrapassar essas dificuldades foi usando o familiar. Com uma simples ação, Ana desbrava esse universo tecnológico incorporando coisas amadas como um nome.

Sintetizando o seu novo ofício, Ana diariamente precisa entrar no sistema para saber quais são as suas tarefas diárias, qual é o cardápio do dia que precisa cozinhar, as receitas dos pratos, o modo de preparo. Também precisa preencher um formulário quando nota que algum ingrediente está terminando, provavelmente para alertar ao setor de compras que o produto vai acabar. Porém, diz ironicamente, “no dia a dia, não funciona! Já vi que é tudo mentira. Funciona o olho, o grito... (performativamente grita para alguém...) pessoal, não tem mais ovo, acabou a farinha...! O computador não sabe gritar... Ainda”, completou rindo. No final do dia, precisa também descrever o que conseguiu produzir.

Além da senha, Ana relatou outra dificuldade: a impressão. Tudo o que cozinha e vai ser posteriormente congelado precisa ser digitado e depois etiquetado com várias informações, como o nome do prato, a data do congelamento, os ingredientes, etc. E essas etiquetas são impressas na tal impressora, que conforme seu relato “*volta e meia pira e faz tudo torto*”. Com humor completa: “Nossos santos não se cruzaram. Já vi que a impressora não gosta nem um pouquinho de mim. É sempre comigo que ela encrena!”

O MAIOR PROBLEMA NÃO É O COMPUTADOR, MAS AS PESSOAS

Cerca de dois meses depois, numa visita encontrei a Ana um pouco desanimada com o trabalho. Estávamos no início de novembro, e a tal fábrica já estava muito sobrecarregada de encomendas. Informaram-na que, a partir daquela data até o final do ano, todos os funcionários tinham hora para entrar, mas não para sair. Ela disse que até entendia, que aceitava esse aumento na carga horária durante a semana, apesar de não saber se iria ganhar horas extras ou não. Mas o pior é que a estavam pressionando para que ela trabalhasse aos sábados:

Não vou. Desaforo. Por que não disseram antes? Tenho filhos pequenos, já trabalho o dia inteiro, só tenho o final de semana. Mas sabe o que a gerente me perguntou? Por acaso tu não tem mãe? Respondi: tenho sim, é uma senhora muito distinta, mas que não tem obrigação de cuidar dos meus filhos. Não botei filho no mundo pros outros cuidar. Além do mais fui contratada para trabalhar de segunda a sexta. Por que agora teria que mudar tudo? Precisam me perguntar antes, né?

Com esse impasse, repentinamente a sua chefe mudou sua atitude em relação a ela e começou a tratá-la mal e a ser inclusive grosseira. Ana reagiu, e mesmo com muito medo de *sair com poucos meses do serviço e ter que sujar a carteira*, não abriu mão dos seus direitos. Contou que até a dona do negócio – que nunca tem contato direto com os funcionários – foi conversar com ela e acabou não a demitindo. Porém confessou não ter muitas ilusões. “*Final de ano, correria, eles precisam de mim. Aposto que em janeiro, fevereiro, o movimento cai e eles vão me mandar embora. Azar. Com o que sei, acho que posso achar até coisa melhor*”. Por fim, perguntei sobre o computador, e Ana relatou que agora já não tem medo de operar o equipamento, que até já virou rotina. Quis saber se *mexia* no computador da Adriana, nos finais de semana, se tinha o hábito de ir a alguma *lan house* ou telecentro, e ela disse que não, que o computador para ela era sinônimo de trabalho, e o da Adriana não servia pra nada. “É quase uma televisão, só se vê filmes”. Finalizando a sua fala, aconselhou-me:

Põe aí no teu trabalho que o maior problema não é o computador, mas as pessoas. Essas sim têm raiva, inveja, acordam com as guampas viradas. Isso sim é perigoso, não o coitado do computador. Ele tá lá, sempre obedece ordens, sempre repete as mesma coisa... senha, digite a sua senha... (falou com voz de robô...) todos rimos da sua *performance*.

Já Adriana conseguiu finalmente a cama para o filho, porque a avó comprou para ela no crediário¹⁴. “Mais uma vez, minha vó me salvou. Foi até a Manlec comigo e comprou no nome dela. Vem ver que linda” (realmente uma cama bem bonita, como se fosse um carro de corrida).¹⁵

ARRANJOS E REARRANJOS: SOCIABILIDADES DINÂMICAS

A AVÓ: APESAR DE NÃO USAR O COMPUTADOR, É UMA PEÇA FUNDAMENTAL

Fui conversar com a vó de Adriana, que tem 84 anos e só depois soube que fazia poucos dias que seu marido havia falecido. Fiquei constrangida, querendo adiar a conversa, mas ela disse que seria bom – nesse momento, do luto – poder recordar o passado. Quis saber o porquê da entrevista, e rapidamente expliquei que estudava o consumo de computadores e que estava interessada em saber sobre a ajuda que ela proporcionava à família, aos filhos e netos. “Anota aí, eu não dou, eu só ajudo a comprar, é diferente.” Iniciou revelando que já havia comprado um computador, mas rindo completou: “não foi pra mim, pro meu neto.”

Durante a conversa, fiquei sabendo que Dona Alzira não era mãe de Ana, mas, de fato, sua avó. A mãe biológica, Marta (54 anos de idade), que sempre conviveu com a família, morando

inclusive na casa ao lado, tem outros três filhos – que Ana considera como seus irmãos – porém ela e o irmão mais velho foram *dados* pela mãe para serem criados pela avó, bem dentro da tradição local de circulação de crianças em camadas populares pesquisada por Fonseca (2002).

Com a morte do marido, aposentado do Departamento Municipal de Habitação, com quem neste ano completaria 60 anos de casada, Dona Alzira, cinco filhos, 21 netos e alguns bisnetos (não sabe precisar) e até um tataraneto (o pequeno Alison, filho da Adriana), vai acumular duas aposentadorias: “*Nem fiz as contas ainda, mas já sei que falta de dinheiro não vou ter.*” Confessou que agora acorda com culpa, às 9 horas da manhã. “Agora, se chove, não saio na rua... Que luxo, né?” Porém, falou que sente falta daquele compromisso, de sair porta afora todos os dias e da alegria que era voltar para casa cansada no final do trabalho. Também com orgulho disse que sempre fez amigos em todos os *serviços* que teve. Revelou que gostava de mudar de emprego: “me cansava da rotina e então mudava, trabalhei como doméstica, faxineira, em empresa terceirizada de limpeza, enfim, muitos e muitos lugares”. Falou que era analfabeta, que não havia estudado, portanto não podia progredir muito, tinha que ser só trabalho na *força do braço*.

Dona Alzira nasceu em Jaguaruna, Santa Catarina, e quando tinha 9/10 anos (não se recorda) foi *dada* para uma *família rica*. “Naquele tempo, tinham esse costume, meus pais achavam que isso era o melhor pra mim.” “Me lembro que chegamos em Porto Alegre logo depois da enchente de 1941. Eles eram milionários, morávamos numa casa na rua 24 de Outubro que até hoje ainda está de pé”. Ficou muitos anos com essa família, até se casar. Primeiro morou no bairro Partenon, em uma invasão, mas o seu marido soube que estavam loteando os terrenos no alto de um morro e então mudaram-se para a vila Korea. “Em volta era só mato. Já moro nesse chãozinho há mais de 50 anos”. A casa da Dona Alzira é bem construída, de alvenaria, ampla e confortável, com três quartos, cozinha, banheiro e sala. Tem uma TV de 29 polegadas. Um neto e sua família moram com ela atualmente. “Tô ajudando. A menina engravidou, a mãe a expulsou, eu podendo, ajudo. Mas eles estão construindo uma casinha. É por um tempo, só”. Voltando à questão da família, confessou que se perde, que é muita gente. Filosofando, completou: “a gente é como uma semente, que dá uma fruta aqui, outra ali, quando vê está uma roça... Minha família é assim, uma grande plantação”.

Falou com muito orgulho sobre o consumo, confirmando o cruzamento existente entre essa prática e a noção de cidadania, como bem resumiu Oliven (2007) com a máxima “consumo logo existo”. Com muita honra, revelou que é cliente especial em várias lojas. A sua preferência é pela loja Rainha das Noivas. Com humor contou que *casou* com essa loja.

Eles me ligam todos os anos e sou homenageada lá. Todo mundo me conhece. É o dia dos clientes especiais. É uma festa. Tem manicure, cabeleireiro, chá, bolo e dança. Me tratam com respeito. Então toda hora tô na rua com alguém pra comprar alguma coisa. Tenho um bom nome na praça. Foi lá que o Lucas comprou o computador dele, em 10 vezes, eu acho.

Dona Alzira contou que tirou a cama para o tataraneto *com gosto*, porque Adriana é uma boa mãe. “Eu nem fico com o carnê. Nem sei quanto custou... Eles é quem pagam. Só às vezes eu inteiro um pouco pra ajudar na prestação”.

Esse pequeno relato biográfico de Ana, Dona Alzira e sua neta nos traz inúmeras reflexões. Destaco que a escassez de recursos materiais dessa família não é um todo homogêneo: existem temporalidades, escalas e solidariedade que ajudam a driblar a falta de dinheiro e a pobreza entre eles. E também sinaliza que não estamos diante do que muitas vezes o senso comum apregoa – de sujeitos cegos e amarrados à sociedade de consumo – mas sim frente a pessoas que compram porque se relacionam e se relacionam porque compram – expressando a relação dialética que existe entre pessoas e mercadorias, como defende Miller (2002). O caso também apresenta elementos sobre um tema que reiteramos ao longo deste texto: nem sempre o computador ajuda a pessoa a fazer o “salto” para melhorar de vida – imaginado por ela e por outros – ao comprar ou a aprender a operar o computador.

MUDANÇAS DE CASA: REARRANJOS DOMÉSTICOS E A INCORPORAÇÃO DA PESQUISADORA COMO MAIS UM ELEMENTO DA REDE

Uns dias se passaram e recebi um telefonema da Cláudia. Ela queria saber da minha disponibilidade em ajudar a mãe com a mudança, que tinha decidido ir morar na casa do Marko, namorado. Fiquei surpresa com a solicitação, mas aos poucos compreendi o que estava ocorrendo.

Os problemas começaram porque Cláudia e o namorado Robson (19 anos de idade) precisaram também morar na casa da Ana. Mesmo Robson insistindo para que fossem morar com os seus pais, onde teriam um quarto e privacidade, Cláudia não quis ir morar na casa da sogra. Aí começaram os conflitos, pois agora Ana também estava namorando, o que tornava mais complicada a questão do espaço. A solução do impasse veio com o convite do namorado da Ana, para que ela e os filhos menores se mudassem para a Zona Sul, no bairro Vila Nova, mas era possível notar que a ideia de sair da vila não lhe agradava muito. “*Nasci e me criei aqui...*”, dizia melancólica.

Portanto, a minha ajuda com a mudança seria um *empurrão* para que as coisas se resolvessem mais rapidamente, para que a casa ficasse livre. Quando encontrei Ana, explicou-me que foi só passar o final de ano na casa do Marko (namorado), mas, para não fomentar mais conflitos com a filha, resolveu impulsivamente ficar. “Mas estamos precisando das nossas coisas. Tu não pode me dar uma mão e trazer a minha mudança?” Rindo completou: “eu sei que tu não tem um caminhão, é que mudança de pobre é isso mesmo, é roupa e tralha...”

Encontrei Ana na antiga casa. As filhas já tinham ensacado tudo e foi bem rápida a operação. As filhas criticavam bastante a mãe por juntar *tanta porcaria e não dar nada para os pobres, cheio de gente precisando*, reforçando sempre aquela ideia de que a categoria *pobre* é puramente relacional¹⁶, pois dois dias antes, elas mesmas se autodenominaram *pobres*, e agora era a mãe que estava sendo mesquinha não ajudando os *pobres*.

O carro foi lotado de *tralhas* para o novo endereço da família, uma casa de um quarto, de alvenaria, mas ampla e muito mais confortável do que a da Vila Korea, em uma rua sem saída, asfaltada, com casas muito boas na vizinhança, algumas até de alto luxo. Os filhos menores não pareciam estar gostando. “*Não tem amigo pra brincar, prefiro antes, aqui só tem gente esnobe*”.

O Marko ficou em casa e cozinhou um carreteiro de churrasco. Ele é um personagem à parte. Muito falante, branco, 32 anos, gordo, solteiro, se diz muito feliz com a nova família. Atualmente trabalha de vigia à noite em um condomínio. Adora cozinhar. Contou que conheceu Ana em um baile no Centro. “Fiquei logo interessado, atraído pela sua aparência, porém logo no início da conversa ela abriu o jogo e disse: ‘Tenho 36 anos, três filhas, um filho e um neto. Marko pensou: meu deus, que fria, vou cair fora...’” Mas rindo confessou: “não deu, já fiquei apaixonado nesse primeiro encontro”.

REARRANJOS NO TRABALHO, ENFRENTANDO O DESEMPREGO

Então surgiram novos problemas. Ana estava bem no seu trabalho, a dificuldade com a questão da informática estava superada, porém no início de março ela teve um pequeno acidente de trabalho: cortou o dedo com uma faca. Foi bem superficial, mas precisou levar pontos. O médico mandou que ela ficasse uma semana em casa, *de atestado*. Para a sua surpresa e decepção, quando voltou ao trabalho já estava pronta a sua carta de demissão. Ela ficou muito triste. Está há meses desempregada, pois não encontra uma vaga de técnica de nutrição e não quer *sujar* a carteira como doméstica de novo... “batalhei tanto pra ter uma nova profissão, não vou voltar a trabalhar de faxineira na carteira”. Ela atualmente faz um *bico*, limpa uma casa duas vezes por semana para sobreviver, mas sem carteira assinada. Essa disponibilidade da Ana facilitou o nosso convívio, e passei a visitar com mais frequência a família, e pude conviver, tomar chimarrão e acompanhar com detalhes a sua saga na tentativa de conseguir uma nova vaga de trabalho no mundo digital.

A batalha diária de Ana à procura de emprego agora é *online*, é mandando currículo, entrando em *sites*, tentando encontrar vaga pela internet. Estava frequentando diariamente o telecentro perto da sua nova casa, muito esperançosa de arrumar logo um novo trabalho, sempre aguardando ansiosa o e-mail da sua ex-professora, que prometera ajudá-la. Contou-me, ainda,

que colocou no *site* de busca Google: *Emprego, Porto Alegre, auxiliar de cozinha*. Nos primeiros dias, ficou muito entusiasmada porque eles oferecem muitas vagas, porém aos poucos foi descobrindo que não é tão fácil. Primeiro porque são muitas as empresas que oferecem esse tipo de serviço. Listo a seguir alguns exemplos, o endereço eletrônico e seus *slogans*:

www.empregos.com.br - Você quer, você pode.
www.maneger.com.br - Buscador de empregos
www.empregocerto.com.br - Procurando emprego?
www.curriculum.com.br/ - Iluminando talentos.
www.catho.com.br - Seu sucesso é o nosso negócio.

Depois, aos poucos, Ana foi ficando desmotivada. Preencheu vários formulários à procura de uma vaga para descobrir no final que todos os *sites* de emprego são pagos. Ou seja, todos eles funcionam da mesma maneira. Preenche-se um cadastro, responde-se um grande questionário e é necessário o pagamento de uma assinatura (que pode ser anual, trimestral ou mensal). Após essa etapa, o sujeito ganha um *e-mail* específico para comunicar-se com os estabelecimentos que precisam de mão de obra. Detalhe: nunca dão o nome do lugar (então não se sabe se as vagas anunciadas são verdadeiras ou não) e todos os serviços pesquisados prometem arrumar logo um emprego. O que varia é o preço do serviço: entre 8 e 80 reais mensais. Mesmo nos que disponibilizam alguns dias gratuitos, é preciso pagar primeiro, dar um número de cartão de crédito de garantia, para depois poder entrar no banco de dados e enviar o currículo. Nas suas palavras: “Eu pensei que as coisas na internet eram de graça. O emprego que eu mais gostei, custava cinquenta reais só para enviar o currículo. Falcatrua, já vi que não vou conseguir nada por aí”.

Com os dias passando, parou de esperar o *e-mail* da professora do seu curso, que tinha prometido ajudá-la a encontrar um novo emprego, e decidiu procurá-la diretamente: “às vezes é muito melhor falar olhando pra pessoa. Não vou mais esperar pela internet”. A tal professora enviou-a para fazer entrevista em outros dois estabelecimentos, porém Ana não conseguiu a vaga. Marko, companheiro de Ana, resumiu assim a situação: “Não digo para ela, pra não magoar, mas a verdade é que a Ana é negra, estão lhe faltando alguns dentes e está gorda. Vai por mim, aparência é muito importante. Aposto contigo que ela vai ter que voltar a ser doméstica e faxineira”.

Ana segue esperando: “*não vou morrer na praia*”, mas constatou que se quisesse ser empregada, seria mais fácil arrumar emprego. “*Parece que só posso ser isso na vida*”, protesta.

No emprego temporário atual, de faxineira, Ana pede para olhar os seus *e-mails* no computador da dona da casa: “*bem rapidinho, pra não abusar*”. Mas confessou estar perdendo o interesse pelo computador. Agora só está recebendo e enviando mensagens para os amigos. “Te mandei um *e-mail* bem lindo. Tu não recebeu? Sabe, sempre é bom acreditar... Tenho fé em todas as mensagens positivas que recebo”.

Salmo 126 - Abra hoje VAI DAR TUDO CERTO!!!!

DEUS me pediu que te dissesse:

Que tudo irá bem contigo a partir de agora...

Você tem sido destinado para ser uma pessoa vitoriosa e conseguirá todos teus objetivos. (...)

Leia em voz baixa... 'Senhor Jesus: Perdoa meus pecados. Te amo muito, te necessito sempre, (...)

Receberás um milagre amanhã. Não o ignore. Deus tem visto suas Lutas. Se acredita em Deus envia esta mensagem a 20 pessoas, se rejeitar lembre Jesus disse: "se me negas entre os homens, te negarei diante do pai."

Dentro de 4 minutos te dirão uma notícia boa.

Pesquisa¹⁷ realizada por uma empresa especializada em segurança de dados na internet divulgou números que mostram o grande volume de mensagens que diariamente circulam pela

rede. São cerca de 264 bilhões de e-mails e a estimativa é que mais de 70% dessas mensagens sejam spams (e-mails não solicitados, que geralmente são enviados para um grande número de pessoas). O que a Ana me enviou foi um tipo de spam, conhecido como *corrente*, que geralmente pede ao destinatário para repassar a mensagem para amigos ou para um determinado número de pessoas e assim alcançar algum pedido especial. O conteúdo deste tipo de e-mail varia entre mensagens de autoajuda, religiosas ou descrição de uma simpatia (superstição).

QUANDO, AFINAL, O COMPUTADOR NÃO VALE A PENA

Na última visita que fiz a Adriana, ela contou-me que tinha vendido o computador, mesmo já tendo a cama para o filho. “Vi que não valia a pena, já que mudei de emprego e agora passo o tempo todo com computador e internet”. Ela contou que completou o tempo máximo que poderia estagiar (três anos). Porém, com a ajuda da sua ex-chefe, conseguiu um novo trabalho, inclusive ganhando melhor e mais perto da sua casa. Ela é secretária/recepcionista de uma pequena cadeia de farmácias e trabalha o tempo todo utilizando a internet, passando *e-mails*, fazendo pedidos *online*. Por isso, como tem livre acesso à internet no trabalho, resolveu vender o computador da sua casa¹⁸. Conforme suas palavras:

Pra nós não vale a pena ter o aparelho e não usar direito. Como tu viu lá em casa, era só pra jogar e ver filme. O preço para ter internet é um roubo, e posso acessar do trabalho. Então pra que ter um computador, né? Vendi por 400 reais. Foi bem fácil. Um rapaz foi lá em casa e comprou à vista!

Já Ana demonstrou grande desilusão em relação à informática. Quando cheguei em sua casa o casal aparentava estar bem feliz e, ao ver-me chegar, anunciaram que tinham uma surpresa para mostrar. Primeiramente apresentaram algumas explicações morais para a tal aquisição, justificando-se para a pesquisadora pelo gasto: “estava fazendo falta, é bem prático, todo mundo da casa vai aproveitar, foi caro, mas juntamos daqui, juntamos dali, pedi um pouco emprestado pra mãe pra entrada” e ... Então a pergunta: “adivinha o que a gente comprou”? E a pesquisadora antropóloga, convencida de que a família teria entrado de vez na “era digital”, prontamente respondeu: um computador! Mas errei, e eles riram da minha ingenuidade. “Pra que computador? Ele não sabe fazer nada. Compramos foi uma máquina de fazer pão! Vem comer. Saiu agora, o pão tá bem quentinho”!

NOTAS FINAIS: COMENDO O PÃO

Quando iniciei a etnografia, procurava pelos “impactos” que o acesso ao computador e à internet potencialmente trariam para as classes populares, muito influenciada por uma visão determinista que imputa ao computador a capacidade de melhorar a condição do sujeito no mundo; ou seja, o acesso às TIC’S significaria integração ou exclusão, oportunidade ou marginalização. Essa dicotomia expressa-se em duas visões emblemáticas da realidade: os otimistas, que acreditam utopicamente que a internet é o caminho para uma sociedade igualitária; e no outro extremo os pessimistas, que acreditam que a internet reproduz as mesmas condições de opressão e de exclusão que os sujeitos têm vivido por séculos. Lemos (2003) é um dos autores que critica esse reducionismo da realidade, apontando que essa polaridade cria uma falsa questão analítica, e aconselha que, para estudar o ciberespaço, é necessário focar-se na fenomenologia do social. De fato, as práticas de interação cotidiana que o grupo de pesquisados desenvolveram em relação à rede apontam para uma multiplicidade de experiências que resistem a definições simplificadas.

Além do trabalho de campo, a leitura da bibliografia acadêmica existente sobre o tema e a adoção de uma atitude mais reflexiva tensionaram a visão inicial, complexificando-a e inserindo novas perspectivas sobre a problemática. Basicamente desloquei e complexifiquei a pergunta inicial da pesquisa, qual seja: como ocorre a inclusão digital nas famílias de baixa renda no Morro da Cruz? Para responder foi preciso muito mais do que quantificar o número de computadores existentes nesta comunidade: foi preciso compreender o lugar que o computador ocupa na vida desses sujeitos, dessas famílias. Então, para além dos aspectos tecnológicos,

entendo a internet como um processo de trocas sociais e simbólicas, e essas interações, conforme Miller e Slater (2004), criam laços de continuidade e de pertencimento para além da tela do computador.

Nesse artigo examinei a diversidade do uso do computador por pessoas de camadas populares, destacando algumas iniciativas como o processo de aprendizado de informática da Ana (mãe de Adriana, que se tornou a informante-chave), que nos contou sobre o seu drama em relação aos primeiros dias de trabalho, onde precisava cadastrar-se no sistema. Não se tratava apenas do medo de ser demitida, mas da vergonha, do sentimento de inferioridade, de exposição frente aos colegas por não entender e/ou não conseguir memorizar a sua senha de acesso. Neste sentido, a solução encontrada por Ana pode ser vista como *agency*, como resistência (ORTNER, 2006), pois ela conseguiu desbravar - ou ao menos amenizar - esse universo tecnológico hostil, incorporando coisas amadas e familiares para superar as diversidades. Também é importante destacar que, apesar das dificuldades iniciais, a sua inclusão aconteceu sem cursos ou aprendizado formal, unicamente “pela necessidade”. Isso ajudou a desmistificar o computador, que deixou de ser visto como uma caixa-preta, mas como algo que pode ser compreendido por qualquer pessoa com o uso.

Continuando com o exemplo da Ana, vemos também que a aquisição de novas competências informacionais para ascensão social não pode ser aplicada para todas as pessoas, pois ela estudou, formou-se e aprendeu informática para entrar no mercado de trabalho - *e deixar de ser doméstica* -, porém viu seu sonho ruir quando constatou que agora estava finalmente formada, era uma incluída digital (tinha finalmente a carteira de técnica em nutrição e também destreza com o computador) e estava desempregada. Ou seja, essas habilidades não foram suficientes para achar e manter-se num emprego atuando dentro do que estudou. Ana está desiludida e desconfiada de que seu esforço tenha sido em vão. Neste sentido a sua opção em adquirir uma máquina de fazer pão em vez de um computador são reveladores do seu descrédito também com o mundo digital.

A sua filha, de certa maneira, também desconstrói um pouco esse discurso sobre a importância do computador para os jovens. No caso, Adriana preferiu vender o seu equipamento para comprar a cama do filho, mostrando que o computador é só um item na hierarquia de objetos caseiros. Sua irmã Cláudia, esportista, também nunca teve muito *apego* ao computador. Não é algo imprescindível. Elas usam no trabalho, como ferramenta de comunicação.

Outro ponto destacado no artigo é a presença do computador reforçando as dinâmicas sociais locais no que denominamos “território de convivência”. É a partir do território, com suas limitações e potências, que ocorreu a escuta etnográfica. Isso nos autoriza a inferir que o possuir um equipamento em casa e, portanto, a autorização de aprender “fuçando”, acelera em muito a inserção digital e até mesmo a cidadania. Porém, todo esse processo pode tornar-se efêmero e inconstante, uma vez que impacta muito a precarização existente no Morro da Cruz e em quase a totalidade das periferias brasileiras, que convivem com barreiras e problemas enormes como dificuldade de manutenção especializada para os equipamentos, e barreiras de infraestrutura, pois existem diversos locais no Morro da Cruz onde não é possível acessar o sinal da internet.

Esse longo convívio nos mostrou que o equipamento tecnológico é só mais um item dentro de uma ampla rede que envolve dinheiro, amor, sociabilidade, trabalho, família e prestígio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila. Interpretando las(s) cultura (s) después de la televisio: sobre el método. *Íconos* – Revista de Ciencias Sociales, Quito, Equador, n. 24, 2006. Disponível em: <http://www.flacso.org.ec/docs/i24abu_lughod.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2012.
- BARBOSA, Alexandre. *Cuidado, a internet está viva!* São Paulo: Terceiro Nome, 2005.
- BARBOSA, Lívia. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.
- BARROS, Carla. Games e redes sociais em lan houses populares: um olhar antropológico sobre usos coletivos e sociabilidade no “clube local”. *Internext* – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais, São Paulo, v. 3, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0309-1.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

- BERALDI, Lairce Castanhera; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. Impacto da tecnologia de informação na gestão de pequenas empresas. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 1, p. 46-50, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a5.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2005.
- CASTELLS, Manuel. A internet e Sociedade em rede. In: MORAES, Dênis (Org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: Socialização e Processo de Privatização do Envelhecimento*. São Paulo: Fapesp, 2008.
- _____; SIMÕES, Júlio de A. A aposentadoria e invenção da "Terceira Idade". In: DEBERT, Guita G. (Org.). *Antropologia e velhice*. 2. ed. Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1998, p. 29-44. (Textos Didáticos, 13).
- DORNELLES, Jonatas. Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FONSECA, Claudia. *Família, Fofoca e Honra*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GUEDES, Simoni Lahud. Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais. *Caderno CRH*, Salvador, n. 29, 1998.
- IANNI, Octavio. As Ciências Sociais na época da globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37, jun./1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- LEMONS, André; CUNHA, Paulo (Org.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MILLER, D. *Teorias das Compras*. São Paulo: Nobel, 2002.
- _____; SLATER, Don. Etnografias On e Off-line: Cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, 2005.
- OLIVEN, Ruben. Apresentação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 13, n. 28, 2007.
- ORTNER, Sherry B. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas (REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25., Goiânia, 2006)*. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007.
- PEREIRA, Vanessa Andrade. Entre games e folgações: apontamentos de uma antropóloga na lan house. *Etnográfica*, Lisboa, v. 11, n. 2, nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612007000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jul. 2012.
- PINHEIRO MACHADO, Rosana. *Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- POCHMANN, Márcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- RIFIOTIS, Theophilos et al. *Antropologia no ciberespaço*. Santa Catarina: Ed. UFSC, 2010.
- SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 72, jul. 2005.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/vZ6fSRKr6SDKBHP6vdxBGTP/?lang=pt>>. Acesso em: 22 jul. 2012.

VIANNA, Hermano. As pessoas estão aprendendo mais fora da escola. *Educação & Internet: Os prós e os contras da rede*. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, p. 12-13, 27 ago. 2007.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NOTAS EXPLICATIVAS

- ¹As TIC's são o conjunto de tecnologias que permitem a aquisição, produção, armazenamento, processamento e transmissão de dados na forma de imagem, vídeo, texto ou áudio. A tendência atual é a chamada convergência tecnológica, com a fusão da informática, da eletroeletrônica e da telecomunicação em um só campo. O exemplo deste fenômeno é a fusão entre computadores e celulares (BARBOSA, 2005).
- ²A Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil, em 2012, apontou que há grandes áreas geográficas de “exclusão digital” no Brasil. Os últimos dados mostram que 68 milhões de pessoas das classes C, D e E nunca usaram a Internet. Fonte: Ibict/ MCT. Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/apresentacao-tic-domicilios-2012.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2014.
- ³Para Pierre Levy, cibercultura é um novo espaço de comunicação, sociabilidade e de inclusão, uma espécie de ambiente aberto pela interconexão mundial de computadores. Seria um novo universo onde as pessoas estariam participando de uma nova forma de comunicação, através das tecnologias digitais. O autor ressalta que a internet é o maior meio da cibercultura, mas ela também está presente nos celulares, TVs, e em outros equipamentos devido à convergência tecnológica.
- ⁴Metaforicamente também é possível comparar o método etnográfico – realizado por pesquisadores dentro da casa dos informantes – com o termo “fuçar”, pois nós também fuçamos a vida dos sujeitos pesquisados, aprendemos e conhecemos a realidade estudada aos poucos, interagindo, perguntando, enfim, tentando encontrar a melhor maneira de conhecer os pesquisados.
- ⁵Vale o alerta de Ruben Oliven, que aponta que “a criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estejam desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o “local” mais importante do que nunca” (OLIVEN, 2006, p. 1).
- ⁶O mapa não é “oficial”, mas representa a percepção de alguns jovens moradores do local. A Vila Vargas e a Korea são nomes distintos para a mesma localidade. Fonte: Google Maps. Acesso em: 20 out. 2011.
- ⁷Gíria gaúcha, xingamento que designa indivíduo com pouca classe, desarrumado. Adjetivo pejorativo para “suburbano”; expressão êmica para “pobre”. A creche comunitária localizada no Morro da Cruz foi arrombada, e ouvi o testemunho de várias pessoas comentando o episódio afirmando que com certeza seria alguém da Korea que teria praticado o arrombamento e nunca um membro da “comunidade”.
- ⁸Conforme o estudo de Guedes (1998), sobre família e parentesco entre trabalhadores na região do Rio de Janeiro, existe uma enorme dificuldade por parte dessa população em acessar novos espaços físicos para a constituição de unidades conjugais autônomas. Esse fato explicaria uma tendência de agregação de famílias nucleares em um mesmo espaço residencial, reforçando a organização e a estruturação sob forma de redes sociais que a autora denominou de *quintal*. Aqui no sul, a denominação desse espaço é *pátio*.
- ⁹Ana contou-me que fez inclusive empréstimo, além de demitir-se do emprego para poder sacar o fundo de garantia, e assim comprar a casa, que custou 5 mil reais.
- ¹⁰Dados técnicos: Pentium IV, HD de 40 Gb, 512 Mb de RAM com processador Intel Pentium. Marca Positivo, equipamento do Programa Um Computador para Todos, que veio originalmente com o sistema operacional Linux, mas foi trocado pelo Windows 7 pirata.
- ¹¹Ver Kehl (2007) e Debert (2004).
- ¹²Estudo feito no Rio de Janeiro aponta para as diferenças de comportamento entre mulheres das camadas altas e da periferia em relação à sociabilidade e usos do corpo. As mulheres das

camadas altas querem ser magras para se sentirem bem e tendem a esconder seus corpos se estes estiverem acima do peso; já para as mulheres da periferia do Rio, o padrão de beleza é o corpo farto e curvilíneo, com o objetivo de atrair e conquistar os homens. Pesquisa feita pela PUC do Rio. Disponível em: <<http://clipping.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=24280&sid=84>>. Acesso em: 2 abr. 2011.

- ¹³ Sobre essa problemática, ver o artigo “Impacto da tecnologia de informação na gestão de pequenas empresas” (BERALDI; ESCRIVÃO FILHO, 2000).
- ¹⁴ Conforme estudos (DEBERT; SIMÕES, 1998), existe um *empoderamento* dos velhos nas classes populares, devido à política assistencial que ampara maiores de 65 anos, com uma renda de um salário mínimo mensal. Portanto, aposentados e pensionistas constituem-se em “atores importantes no processo político atual”, deixando de ser uma categoria “aparentemente marginal, circunscrita ao domínio das relações privadas, tornando-se uma espécie de corporação, com interesses específicos, demandas próprias e formas de atuação no espaço público” (SIMÕES, 2007, p. 15). Essa estabilidade monetária faz com que esses idosos sejam os responsáveis pelas compras e crediários em lojas para toda a extensa rede familiar, como no caso relatado da Dona Alzira.
- ¹⁵ Destaco a teoria sobre consumo e cultura material de Daniel Miller (2002) para entender a atitude da Adriana, que mesmo conseguindo uma cama para o seu filho, decidiu vender o computador porque novas demandas domésticas surgiram, e ela as priorizou, (re)vendendo assim o equipamento. Miller desloca a visão do ato de consumir – que possui uma conotação frívola e passiva – para o entendimento da compra como uma dádiva.
- ¹⁶ Vale o alerta da antropóloga Livia Barbosa (2003) quanto ao perigo metodológico de atribuir a categoria “pobre” a determinados grupos, que eufemisticamente nas pesquisas de mercado são referidos como consumidores C e D. “Pobreza é um conceito relativo. Ele depende do contexto e pode ser definido de diversas maneiras – carência material, espiritual, moral, entre outros – e ter significados distintos [...] que geram implicações diferenciadas na vida social” (BARBOSA, 2003, p. 103).
- ¹⁷ Fonte: <<http://royal.pingdom.com/2012/01/17/internet-2011-in-numbers/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- ¹⁸ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, do IBGE, constatou que a incidência de microcomputadores com acesso à internet nos domicílios brasileiros aumentou quase 40% entre 2009 e 2011, segundo dados do Pnad. A presença do computador sem acesso à rede mundial também cresceu: 29,5% no mesmo período. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/21/cresce-quase-40-o-numero-de-domicilios-com-computador-e-internet-diz-ibge.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

Recebido em outubro de 2021
Aprovado em novembro de 2021